

Fixar o olhar na Misericórdia, ser sinal eficaz do agir do Pai

CÓNEGO LUÍS MIGUEL FIGUEIREDO RODRIGUES (*)

Introdução

O tema que nos propõem tratar¹ – *Fixar o olhar na Misericórdia, ser sinal eficaz do agir do Pai* – convoca uma série de ideias e de questões que, por si, dariam lugar a diversas comunicações distintas. Mas há que fazer opções. Vamos, então, centrar a nossa atenção na Misericórdia, procurando inferir atitudes e ações que possam ser sacramentais, ou seja, sinal eficaz do agir do Pai.

Claro que a palavra *misericórdia* é poliédrica! Pode ser vista de diversas perspetivas e assumir significados distintos, consoante o tempo e o espaço que estejamos a considerar. Importa, pois, procurar saber o que se quer dizer quando se diz “Misericórdia” dentro do nosso contexto. Claro que o caminho a seguir surge quase que espontaneamente: vamos à Sagrada Escritura procurar perceber de uma forma cristã aquilo que é a Misericórdia. É o próprio Concílio que o afirma quando diz:

«o estudo destes sagrados livros deve ser como que a alma da sagrada teologia. Também o ministério da palavra, isto é, a pregação pastoral, a catequese, e toda a espécie de instrução cristã, na qual a homilia litúrgica

(*) Cónego do Cabido da Basílica Primacial Bracarense. Presidente da Comissão Arquidiocesana para a Educação Cristã. Vigário Episcopal para a Educação Cristã. Assistente do Departamento Arquidiocesano da Catequese. Professor na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, Braga.

¹ Este texto resulta de uns apontamentos de suporte à conferência no 55º Encontro Nacional de Catequese, no Porto, a que posteriormente tentámos dar uma forma que se adequasse minimamente à publicação como artigo.

deve ter um lugar principal, com proveito se alimenta e santamente se revigora com a palavra da Escritura» (DV 24).

Este percurso torna-se ainda mais necessário, quando tomamos consciência de que vivemos num tempo de preferências individuais, ou seja, cada indivíduo toma da fé cristã o que lhe apraz e acede à fé na medida em que *isso* lhe faz sentido, se lhe afigura como útil. Convém, então, ter presente que a fé que a Igreja transmite é recebida de forma pessoal pelo sujeito, que a faz sua. E isto não é mau, antes pelo contrário. A relação entre o sujeito crente e a instituição eclesial, compreendida como inserida numa instituição plural, mostra que «é possível sustentar uma interpretação da tradição cristã que coloca em relevo a sua composição diversificada e a sua capacidade de adaptação aos desafios colocados por cada situação histórica»². A tendência atual de fazer tender para a subjetividade individual o critério da verdade evidenciou que a tradição eclesial tem uma certa capacidade de adaptação. Admite novas concretizações, sem deixar de ser o que é e sem deixar de ter consistência real no sujeito, mas só até certo ponto. Embora os limites não se possam descrever à partida, «é a comunidade crente, inserida num contexto particular, que verifica *in loco* se este solo foi ou não ultrapassado. Com a sua experiência, em simultâneo, da situação concreta e da fé cristã, esta comunidade será a instância mais apta para fazer um tal discernimento»³. Aliás, o desafio que se lança ao ser humano «pensante e espiritual – animal do *logos* – reside na capacidade de reconduzir todas as diferenças plurais do real à identidade unificante do ser originário, que precede, de certo modo, o seu ser-assim, sendo-lhe por isso mais fundamental»⁴. Mas a identidade, essa, realiza-se apenas de modo temporal e histórico – é irrepetível e, por isso, experiência da diferença.

Então, como ser sinal da Misericórdia divina de modo eficaz, sem anular a identidade pessoal, antes pelo contrário? A resposta está na narração contínua daquilo que é a misericórdia divina, em relação com a textualidade, melhor, com a tessitura cristã, através da alteridade, prévia e primordial, com os textos mediadores da identidade cristã: as fontes da fé, através das quais se acede à identificação com a Fonte, que é Cristo, sacramento do Pai⁵. A narrativa desempenha, aqui, um papel de destaque, porque

² D. TERRA, *Devenir Chrétien aujourd'hui. Un discernement avec Karl Rahner*, ed. L'Harmattan, Paris 2006, 181.

³ *Ibidem*, 181.

⁴ J. DUQUE, «Texto, identidade e alteridade», in *Didaskalia* 33 (2003) 366.

⁵ Cf. Jo 12, 45; 14, 9-10.

«*narrar* o sentido originário de tudo, através de uma narrativa particular – uma história, com um acontecer limitado – é a forma como se articula o facto particular e misterioso – por isso, também universal – de tudo ser e de tudo ser o que é, na sua diferença própria, isto é, na sua identidade. Nesse sentido, a narrativa surge-nos, já aí, como articulação linguística da diferença particular, temporal e histórica, enquanto forma de ser (identidade) – isto é, enquanto modo de viver e realizar a universalidade do ser»⁶.

Importa, pois, perceber bem o que se diz com o vocábulo *misericórdia*, para que o dizer da fé eclesial o seja⁷, de facto, e não uma repetição de conceitos vazios, por isso, estéreis e até, por vezes, ridículos.

Ao querer aproximar-nos da *misericórdia* à luz do texto bíblico, esbarramos com a dificuldade de acesso ao sentido mais profundo dos termos hebraicos que lhe estão na origem e que ao serem traduzidos para as nossas línguas mais modernas sofrem uma diminuição de intensidade, dando origem a uma leitura menos fiel da sua originalidade.

A noção bíblica de misericórdia está ligada a vários vocábulos⁸ e, de modo especial, a *hesed* (que poderíamos traduzir por *bondade*) que os LXX traduzem por *aeleos*, e a Vulgata adotou como *misericordiam*. Procuremos compreender melhor o que este vocábulo encerra.

1. Hesed e 'emet divinos: misericórdia compassiva e fiel

Hesed (bondade) e *'emet* (fidelidade/firmeza) são como que as duas colunas fundamentais da relação de Deus com Israel, para quem a misericórdia se encontra na convergência de duas correntes de pensamento, a compaixão e a fidelidade⁹. *Hesed* aparece 245 vezes no Antigo Testamento, com maior frequência na literatura narrativa e sapiencial e sobretudo nos Salmos. Na mensagem dos profetas ganha importância em Oseias, Jeremias e no Deutero-Isaías. O termo refere-se à relação interpessoal e implica reciprocidade

⁶ J. DUQUE, «Texto, identidade e alteridade», in *Didaskalia* 33 (2003) 368-369; Cf. L. MANICARDI, «Gesù di Nazaret, il grande narratore», in *La Revista del Clero italiano* 2 (2014) 115-132.

⁷ Cf. R. du CHARLAT, *Trouver sa propre parole de foi*, ed. Lumen Vitae, Bruxelles 2009.

⁸ Cf. P. de ANDRADO, «Hesed and Sacrifice: The Prophetic Critique in Hosea», in *Catholic Biblical Quarterly* 78 (2016) 47-67.

⁹ Cf. X. Léon-Dufour, *Vocabulario de Teología Bíblica*, ed. Herder, Barcelona, 1965, 162-ss.

de comportamentos: é a expressão que liga os membros da família ou de qualquer comunidade, que relaciona amigos e aliados, e que cria uma relação jurídica e moral entre as pessoas. Designa um coração sincero, um comportamento justo e fiel, uma atitude de amabilidade e compaixão, de graça e benevolência, de disponibilidade em favor dos outros para além do que a justiça obrigaria. É amor, fidelidade, querer bem e fazer bem: fazer misericórdia, atos misericordiosos.

Hesed designa, então, algo perceptível na situação concreta, mas que ultrapassa essa manifestação concreta e inclui, também quem o faz. É um comportamento humano que dá vida a uma forma, um comportamento que, em muitos casos (embora nem sempre) constitui o pressuposto para que surja uma relação comunitária¹⁰.

Mais do que boa vontade para ajudar os outros, *hesed* parece implicar um esquecimento de si mesmo e uma devoção ao outro na radicalidade da entrega. É uma amizade que está acima das obrigações mínimas que a comunidade impõe, mas que é essencial para criar uma autêntica relação humana.

Este vocábulo ocupa um espaço muito importante na teologia da aliança, porque condensa um atributo único e essencial do Senhor: a sua bondade que é afeto interno de uma compaixão espontânea orientada para o perdão e para fazer sempre o bem ao homem, de forma perseverante e gratuita¹¹. Este vocábulo, contudo, não designa apenas uma disposição interior para fazer o bem – algo íntimo e sentimental –, mas também uma atitude e as suas manifestações, sob pena de não nos ser possível conhecer, e por isso pensar, uma atitude que não se manifesta. A este dado epistemológico acresce aquilo que o senso comum nos diz: todo o afeto tende a exteriorizar-se em obras.

Uma atitude que não se traduz em manifestações concretas é pura teoria. Recordemos aqui o que o papa Francisco nos diz n'*A Alegria do Evangelho*:

«Existe também uma tensão bipolar entre a ideia e a realidade: a realidade simplesmente é, a ideia elabora-se. Entre as duas, deve estabelecer-se

¹⁰ Cf. R. E. BROWN, «Hermeneutica», in R. E. BROWN, et al, Comentario Bíblico "San Jerónimo". Tomo V Estudios Sistemáticos, Ed. Cristiandad, Madrid, 1971, 326-328.

¹¹ Cf. J. BLENKINSOPP, «Deuteronomio», in R. E. BROWN, et al, Comentario Bíblico "San Jerónimo". Tomo I Antiguo Testamento I, Ed. Cristiandad, Madrid, 1971, 156-157.

um diálogo constante, evitando que a ideia acabe por separar-se da realidade. É perigoso viver no reino só da palavra, da imagem, do sofisma. Por isso, há que postular um terceiro princípio: a realidade é superior à ideia. Isto supõe evitar várias formas de ocultar a realidade: os purismos angélicos, os totalitarismos do relativo, os nominalismos declaracionistas, os projetos mais formais que reais, os fundamentalismos anti-históricos, os eticismos sem bondade, os intelectualismos sem sabedoria» (EG 231).

Uma afirmação que não caracteriza a essência do que manifesta é pura eventualidade que não afeta a esfera do humano, podemos concluir.

Hesed diz as duas coisas: é uma atitude de misericórdia que faz nascer as obras misericordiosas, as ações palpáveis que dão corpo a esse conceito básico. Desta forma diluem-se as fronteiras entre a misericórdia e as obras de misericórdia, entre *ser* e *fazer*. Em Deus não há distinção entre o ser e o fazer. Estes dois verbos coincidem¹². Deus é um *fazer* misericórdia. *Hesed* acaba por ser, então, a “definição” do Deus veterotestamentário, por excelência. E também no Novo Testamento, recordemos a Primeira Carta de João: «Aquele que não ama não conhece a Deus; porque Deus é amor» (1Jo 4, 8).

Deus é, em si mesmo, acolhimento eterno e oferece amor e compaixão. Por isso, o nome de Deus é “o misericordioso”, tal como o apresenta Moisés:

«Moisés disse: “Mostra-me a tua glória”. E Deus respondeu: “Farei passar diante de ti toda a minha bondade, e proclamarei diante de ti o nome do SENHOR. Concedo a minha benevolência a quem Eu quiser, e uso de misericórdia (*hesed*) com quem for do meu agrado» (Ex 33 18-19).

Nos Salmos encontramos o vocábulo *hesed/misericórdia* cerca de 90 vezes para designar o inclinar-se de Deus sobre o pobre que clama por auxílio, o necessitado que não tem outro lugar de esperança, o aflito que busca abrigo seguro¹³. O Senhor é o Deus que faz *misericórdia*, o Deus que escuta, dá perdão sem fim. Israel faz continuamente a experiência desse Deus, e

¹² Cf. T. LORO, «Jesus Cristo, modelo de comunicador», in Revista Eletrônica Espaço Teológico, 4 (2010) 47-55.

¹³ Cf. L. ALONSO SCHÖKEL, C. CARNITI, Salmos II, ed. Verbo Divino, Estela, 1993, 197-ss.

Fixar o olhar na misericórdia, ser sinal eficaz do agir do Pai

confessa que a sua misericórdia se perpetua por mil gerações traduzida em misericórdias que são eternas¹⁴.

A densidade e riqueza do *hesed* divino cresce ao unir-se a outros termos. A este propósito diz João Paulo II:

«O Antigo Testamento proclama a misericórdia do Senhor mediante numerosos termos com significados afins. Estes termos são diferenciados no seu conteúdo particular, mas tendem a convergir, se assim se pode dizer, de vários pontos de vista para um único conteúdo fundamental, a fim de exprimir a riqueza transcendental da misericórdia e, ao mesmo tempo, para aproximá-la do homem sob aspetos diversos» (DM 4).

O binómio que surge com mais frequência é a união de *hesed* e '*emet*' acentuando uma característica essencial de Deus: a sua bondade e fidelidade sem termo nem medida, a infinidade do seu amor e da sua dedicação ao homem, a sua misericórdia que dura para sempre¹⁵.

O termo evidencia, assim, na literatura bíblica um sinal de estabilidade moral: verdade, sinceridade, fidelidade. Ao Senhor reconhece-se um '*emet*' que permanece para sempre. A terra prometida e o reino de Israel são o símbolo e a garantia da fidelidade contínua do Senhor ao povo da sua eleição, porque o '*emet*' do Senhor não tem limites nem fronteiras; o homem aflito clama pelo Senhor e ele manda-lhe do céu a salvação¹⁶.

Ao longo de toda a história de Israel vai ficando profundamente gravada no coração do povo a imagem de um Deus de *misericórdia* e de *fidelidade* em quem o israelita encontra força protetora e palavra inquebrantável. A fidelidade de Deus à sua promessa transforma o '*emet*' em certeza de vitória contra os inimigos¹⁷.

¹⁴ Recordemos o Salmo 117(118).

¹⁵ Cf. J. M. ABREGO DE LACY, *Los libros proféticos*, ed. Verbo Divino, Estella 1993, 37-68. '*Emet* formou-se da raiz '*amen*' que significa estar seguro, firme, estável. Com esta aceção, a palavra aparece 126 vezes no Antigo Testamento, tendo passado para os Setenta (LXX), na maior parte dos casos, sob a forma substantiva de *aletheia*.

¹⁶ Cf. I. de la POTTERIE, «Verdad», in P. ROSSANO, et al, *Nuevo Diccionario de Teología Bíblica*, ed. Paulinas, Madrid, 1990, 1915-1920.

¹⁷ «Tende piedade de mim, ó Deus, tende piedade, porque em vós eu procuro refúgio» (Sl 57, 3-7).

A reunião dos dois termos intensifica o seu conteúdo fundamental¹⁸. De Deus se espera um *hesed* firme, seguro, uma bondade fiel, gratuita e incomensurável, uma vontade salvífica que se expressa na experiência mais profunda do agir segundo o direito e a justiça. O *hesed* e '*emet*' divinos alcançam, por isso, uma transcendência cósmica. Toda a terra está cheia da bondade do Senhor, da sua fidelidade imorredoura que gera maravilhas em favor dos homens¹⁹.

2. Hesed e rahamim: misericórdia maternal e benevolente

Rahamim (amor maternal que se agarra às entranhas) aparece algumas vezes relacionado com *hesed*, alargando ainda mais os horizontes deste conceito²⁰. Quando o povo cai na idolatria e caminha decididamente para a morte, Deus, que parecia tê-lo abandonado, apresenta-se de novo cheio de *hesed* e *rahamim*, misericórdia e compaixão, aquele amor maternal próprio de quem teve o filho dentro das suas entranhas.

Ao ver a indigência do homem, a Deus rasgam-se-lhe as entranhas, oferece-lhe o seu colo materno e introdu-lo num espaço relacional onde não vigora a lei do dever mas impera a gratuidade espontânea do amor:

«Vai e grita aos ouvidos de Jerusalém, dizendo: Assim fala o Senhor:
'Recordo-me da tua fidelidade no tempo da tua juventude, dos amores do tempo do teu noivado, quando me seguias no deserto, na terra em que não se semeia» (Jr 2, 2).

«De longe, o Senhor se lhe manifestou: Amei-te com um amor eterno.
Por isso, dilatei a misericórdia para contigo» (Jr 31, 3).

«Como poderia abandonar-te, ó Efraim?
Entregar-te, ó Israel?
Como poderia Eu abandonar-te, como a Adma,
ou tratar-te como Seboim?

¹⁸ A ligação do *hesed* com os termos que vimos comentando, oferece-nos a imagem de um Deus que é Pai, amigo e protetor; em termos antropológicos, é a imagem masculina do nosso Deus que se oferece ao homem pequeno, indefeso, necessitado de salvação. Ele vem com o coração aberto, braço forte e mão estendida para acolher, proteger e salvar com um amor constante e fiel.

¹⁹ Cf. Sl 89,3; 103,17; 107; 138,8.

²⁰ Cf. E. CHARPENTIER, Para leer el Antiguo Testamento, ed. Verbo Divino, Estella, 1993, 64.

Fixar o olhar na misericórdia, ser sinal eficaz do agir do Pai

O meu coração dá voltas dentro de mim,
comovem-se as minhas entranhas. (Os 11, 8)

Rahamim significa uma identificação com o outro ao ponto de se tornarem os dois numa só carne; é a experiência da união íntima do pai e da mãe com o próprio filho, dos irmãos, dos esposos entre si. É um amor experimentado, gerador de vida, um amor que se transforma em esperança escatológica, que provoca o aparecimento da eternidade no tempo²¹.

Há outros verbos saídos da mesma raiz de *raham* cujo significado pode ser traduzido por ser clemente²², ser misericordioso, sentir *compaixão*²³, tratar bem, respeitar, ter *misericórdia*²⁴, consolar²⁵, ajudar²⁶.

Quatro quintas partes dos textos bíblicos com *raham* têm a Deus como sujeito de uma relação materno-filial que se afirma real e não sentimental, que diz que o amor do Senhor pelo seu povo é mais forte que o impulso da afetividade humana. Testemunha desta intensidade são as palavras de Deus em Isaías: «Acaso pode uma mulher esquecer-se do seu bebé, não ter carinho pelo fruto das suas entranhas? Ainda que ela se esquecesse dele, Eu nunca te esqueceria» (Is 49,15).

Se *hesed* aponta decididamente para a superabundância de bondade, e *'emet* indica a fidelidade estável, característica tipicamente paternal, *rahamim* completa o movimento de acolhimento com um amor original que brota das entranhas maternas²⁷. É a dimensão feminina de um Deus que é pai e mãe de um povo a quem não se cansa de amar, gerar, acolher, transportar ao colo, alimentar, perdoar, salvar.

A propósito deste termo e do seu conteúdo, o Papa João Paulo II explica numa nota de rodapé do número 4 da encíclica *Dives in misericordia*:

²¹ Cf. Is 14,1; 49,13; Jr 12,15; Ez 39,25; Mq 7,19.

²² Cf. 2Re 13,23; Is 27,11.

²³ Cf. Jr 13,14; 21,7.

²⁴ Cf. Is 13,18.

²⁵ Cf. Is 49,13.

²⁶ Cf. Os 1,7.

²⁷ Cf. Cf X. Léon-Dufour, Vocabulário de Teologia Bíblica, ed. Herder, Barcelona, 1965, 264-267; 363-365.

«Enquanto *hesed* acentua as características da fidelidade para consigo mesmo e da «responsabilidade pelo próprio amor» (que são características em certo sentido masculinas), *rahamim*, já pela própria raiz, denota o amor da mãe (*rehem* = seio materno). Do vínculo mais profundo e originário, ou melhor, da unidade que liga a mãe ao filho, brota uma particular relação com ele, um amor particular. Deste amor se pode dizer que é totalmente gratuito, não fruto de merecimento, e que, sob este aspeto, constitui uma necessidade interior: é uma exigência do coração. É uma variante como que «feminina» da fidelidade masculina para consigo próprio, expressa pelo *hesed*. Sobre este fundo psicológico, *rahamim* dá origem a uma gama de sentimentos, entre os quais a bondade e a ternura, a paciência e a compreensão, que o mesmo é dizer a prontidão para perdoar».

Para além destes atributos tão específicos de Deus, outras vertentes podem ainda ser evidenciadas, ao percorrer os textos bíblicos.

3. Hesed e outros termos: misericórdia solícita e incondicional

Hesed conjuga-se frequentemente com *aliança*, ambiente natural onde o povo experimenta a misericórdia de Deus. A própria aliança (*berit*) é chamada *hesed* (Is 55,3).

Quando o povo pensava no Deus que o tinha libertado do Egito, que se tinha feito peregrino com ele no deserto e se lhe manifestara no Sinai, pensava no Senhor poderoso e terrível, mas também amoroso e sempre pronto a prestar auxílio, incapaz de quebrar a aliança feita gratuitamente com o povo. Era em consequência desta aliança que Israel esperava *hesed* de Deus, e o Senhor contava com a reciprocidade no amor²⁸.

Veja-se o que diz o Profeta Oseias:

«Ouvi a palavra do Senhor, filhos de Israel,
porque o Senhor vai entrar em litígio
com os habitantes do país,
porque não há verdade nem misericórdia
nem conhecimento de Deus, na terra» (Os 4, 1).

²⁸ Cf. R. E. BROWN, «Hermeneutica», in R. E. BROWN, et al, Comentario Bíblico «San Jerónimo». Tomo V Estudios Sistemáticos, Ed. Cristiandad, Madrid, 1971, 327-330

Fixar o olhar na misericórdia, ser sinal eficaz do agir do Pai

No contexto da *beriit* (aliança), percebemos como o *hesed* de Deus é mais duradouro que o do homem e está para além de toda a infidelidade humana. É um gesto da vontade salvífica do Senhor que inicia e acompanha a história de Israel²⁹, e dá inteligibilidade à sua relação com os homens³⁰. Trata-se de um sentimento de amor que envolve os dois parceiros da aliança, o que supõe uma dimensão abrangente de benevolência, uma bondade de onde nasce o amor, a disponibilidade, a abertura ao outro, e que pode ser considerado o impulso original que faz nascer a mesma aliança.

Aliás, podemos mesmo dizer, sem a referência ao *hesed* de ambas as partes era impensável a conservação da aliança. A misericórdia de Deus para com o homem exige uma resposta de obediência, uma vontade de seguir os seus caminhos³¹.

Conclusão

Embora nos tenhamos ficado apenas pelo Antigo Testamento já podemos concluir que o texto bíblico é excessivamente rico na abordagem ao termo *misericórdia*: nos vocábulos que usa, no modo como os emprega para dizer a experiência que o povo hebreu faz de Deus e também, mais tarde, na narração das diversas passagens onde a misericórdia divina é revelada, sobretudo nas parábolas. Estas, sem a abordagem veterotestamentária correm o risco de terem um sentido opaco.

Percebe-se que é impossível conseguir estabelecer vínculos entre seres humanos baseando-nos apenas na justiça. Só a misericórdia é justa! O *hesed* de Deus pode ler-se em duas direções. A primeira, no sentido de Deus para com o homem, que significa um amor gratuito e pessoal, clemente, generoso e imutável, exclusivo e eternamente fiel de um Deus que sai de si mesmo, feito misericórdia infinita, que vem ao encontro do homem. Este surge como o centro da predileção de Deus. No segundo sentido, agora do homem para Deus, é adesão total de fé, homenagem de respeito holístico, obediência e louvor, fidelidade e gratidão que se traduzem em serviço fraterno aos outros homens, seus irmãos.

²⁹ Cf. Is 54,10; 63,7; Jr 31,3; Mq 7,20.

³⁰ Cf. V. BORRAGÁN, *La Biblia, el libro de los libros*, ed. San Pablo, Madrid, 2001, 12-14.

³¹ Cf. Ex 20,6; Dt 5,10; 7,9; 10,12; 11,22; Dn 9,4; Ne 1,5.

Cónego Luís Miguel Figueiredo Rodrigues

É a leitura e consequente narração da experiência pessoal, à luz da misericórdia explanada na história da salvação, que torna possível a cada crente ser sinal eficaz do agir do Pai, membro ativo de uma Igreja chamada à permanente conversão e a ser sacramento do agir de Deus no mundo.